



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CAIO ARTHUR DA SILVA MACHADO

**REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA NACIONAL SOBRE A PRODUÇÃO
DE SUBJETIVIDADE TERRITORIAL DA JUVENTUDE NAS ÁREAS
PERIFÉRICAS**

Seropédica

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CAIO ARTHUR DA SILVA MACHADO

**REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA NACIONAL SOBRE A PRODUÇÃO
DE SUBJETIVIDADE TERRITORIAL DA JUVENTUDE NAS ÁREAS
PERIFÉRICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito necessário à graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Seropédica

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA NACIONAL SOBRE A PRODUÇÃO
DE SUBJETIVIDADE TERRITORIAL DA JUVENTUDE NAS ÁREAS
PERIFÉRICAS**

CAIO ARTHUR DA SILVA MACHADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisitos necessários à graduação de Psicologia.

Aprovado em:

PARECERISTA:

Prof.º Marcelo Princeswal

(Doutora em Psicologia - UFRRJ)

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos nunca vão ser suficientes para expressar o que devo à minha família. Como costume dizer, não fui criado em uma família comum, fui criado em uma rede muito além de um núcleo familiar. Primeiramente obrigado ao meu pai, Ulisses, e minha mãe, Selma, os maiores responsáveis por ser quem sou e ter chegado tão longe. Obrigado pelas noites que me ensinaram com paciência durante toda minha educação básica, obrigado por me ensinarem a ser paciente, ter comprometimento, por me ensinar o que é amor e o que é carinho. Preciso agradecer a minha falecida vó, Maria José, por todas as caminhadas para a escola nos meus primeiros anos de vida, sem você e tudo o que você criou nada seria possível. As minhas tias Eliane, Nelma, Fátima e meu tio Luiz que sempre cuidaram de mim e foram um suporte essencial nesses últimos anos, que foram mais conturbados do que nossa vida costumeiramente já é. Preciso agradecer aos meus irmãos de sangue e vida, William, Cauan e Mikael, muito obrigado por serem um alívio e terem sustentado tanto as coisas nos últimos anos, nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente a isso. Nasci sortudo, entre dificuldades e dores, nasci filho de Maria, nasci Azeredo. Um sinal de amor e carinho que não se vê em qualquer lugar, amo todos vocês.

Agradeço a minha amiga de vida, Fernanda. Por ser, onde estiver, meu local de segurança. Por estar comigo nos momentos mais críticos nesses últimos anos, sempre vou me sentir seguro sabendo que posso contar contigo.

Agradeço a todos meus amigos de graduação que serviram de apoio e rede desde o momento em que pisei em Seropédica. Agradeço ao Félix, Léo e Pedro pelas intermináveis conversas improdutivas, que comicamente produziam algo, principalmente afeto. A graduação não seria a mesma sem vocês, entre as mais discordâncias do que concordâncias sempre soube que com vocês poderia aprender mais. A Milena e Mariana, que entre vários momentos de crise conjunta, foram parte das pessoas que mais me ajudaram na graduação, das que mais me ajudaram nessa reta final e inclusive na escrita deste documento. Agradeço a Luiza, grata surpresa, que entre as horas e horas de conversas, sobre os mais diversos assuntos, me acolhe onde mais dói. Obrigado a todos que citei e que não pude citar, foram 5 anos de encontros que me marcaram para sempre, amo vocês.

Aos demais amigos e estagiários. Anna, obrigado por acreditar em mim, sem você não teria escolhido o caminho que escolhi, que apesar das dificuldades foi sem dúvidas o melhor

que podia escolher. A Victoria, por sempre me apoiar, me ouvir e ajudar no âmbito profissional e em todas as áreas da minha vida. Ao Lucas, pelas eternas caronas que nos uniu a nós três, por confiar em mim e por sempre me ouvir. Aos três agradeço por nossa união, que em todas as dificuldades nos manteve de pé.

Por fim agradeço ao LEVICA pelos dois anos de estágio que me formaram como profissional e sujeito. Agradeço à minha orientadora e coordenadora do LEVICA, Ana Cláudia Peixoto, pelo suporte, pela confiança e pela possibilidade de atuar em tantas áreas. A Patrícia, por todo apoio em meu início na clínica e ao Mauro pelas conversas e por todo apoio frente às imensas dificuldades nesses dois anos de estágio.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. JUSTIFICATIVA.....	15
3. OBJETIVO.....	17
3.1 OBJETIVO GERAL.....	17
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	17
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
4.1 ADOLESCÊNCIAS.....	18
4.2 TERRITÓRIO, SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE.....	20
4.3 PERIFERIA, JUVENTUDE E INTERSECCIONALIDADE.....	23
5. MÉTODO.....	27
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
6.1 TEMÁTICA 1 - PERIFERIA, MARGINALIZAÇÃO E VULNERABILIDADE.....	35
6.2 TEMÁTICA 2 - RESISTÊNCIA, CULTURA E POTENCIALIDADES.....	38
6.3 TEMÁTICA 3 - PERIFERIA GÊNERO E SEXUALIDADE.....	40
6.4 TEMÁTICA 4 - PROJETOS, INTERVENÇÃO E EDUCAÇÃO.....	41
7. CONSIDERAÇÃOE FINAIS.....	44
8. REFERÊNCIAS.....	46

RESUMO

Caio Arthur da Silva Machado. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia. Revisão integrativa da literatura nacional sobre a produção de subjetividade territorial da juventude nas áreas periféricas . Instituto de Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2025.

O território surge como marcador social que se relaciona com raça e gênero, formando parte da construção identitária do sujeito. Nesse sentido a juventude contemporânea em sua heterogeneidade é também atravessada pelo território como uma das suas formas de subjetivação. O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar através da revisão integrativa da literatura nacional o impacto das vivências em periferia na formação de subjetividade da juventude moradora do que é entendido como periferia no Brasil. Para isso, foi realizada uma busca de literatura nos portais SCIELO, PePsic e LILACS, a partir dos descritores: Periferia Território; Adolescência; Juventude; Juvenil; Adolescente; Jovem; Subjetividade; Subjetivação. No levantamento foram encontrados 27 artigos nacionais entre 2014 e 2024 abordando o tema, após aplicação dos critérios de exclusão e tangibilidade do tema foram escolhidos 21 artigos para análise. A partir desse levantamento bibliográfico busca-se compreender os impactos das vivências na adolescência dentro da periferia e suas influências na formação subjetiva desses sujeitos, entendendo a partir desse ponto relações com raça, gênero, sexualidade e classe. Da mesma maneira, compreender as estratégias de proteção comunitárias e entender as potencialidades dessa população em grande parte vulnerabilizada. Como resultado percebe-se como a interseccionalidade molda experiências distintas, demonstrou como as condições estruturais das periferias caracterizadas por violência institucional, racismo e precariedade de serviços públicos produzem vulnerabilidades específicas. Se tratando, embora, de um espaço de vulnerabilização estrutural, um território de reinvenção criativa, onde os jovens elaboram modos singulares de existência.

Palavras-chave: Adolescência; Território; Interseccionalidade; Subjetividade

ABSTRACT

Caio Arthur da Silva Machado. Undergraduate Thesis in Psychology. Integrative Review of National Literature on the Territorial Production of Youth Subjectivity in Peripheral Areas. Institute of Education. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2025.

The territory emerges as a social marker interconnected with race and gender, playing a role in shaping individual identity. In this context, contemporary youth, in its heterogeneity, is also influenced by territory as a form of subjectivation. This undergraduate thesis aims to investigate, through an integrative review of national literature, the impact of experiences in peripheral areas on the formation of subjectivity among young people living in what is understood as the periphery in Brazil. A literature search was conducted in the SCIELO, PePSIC, and LILACS databases using the following descriptors: Periphery; Territory; Adolescence; Youth; Juvenile; Adolescent; Young; Subjectivity; Subjectivation. The search identified 27 national articles published between 2014 and 2024. After applying exclusion criteria and assessing thematic relevance, 21 articles were selected for analysis. This bibliographic review seeks to understand the impact of adolescent experiences in the periphery and how these influence the subjective formation of these individuals, considering intersections with race, gender, sexuality, and class. It also aims to explore community-based protection strategies and the potential of a largely marginalized population. The results reveal how intersectionality shapes distinct experiences and highlight how the structural conditions of the periphery, characterized by institutional violence, racism, and inadequate public services produce specific vulnerabilities. Nonetheless, the periphery, despite being a space of structural vulnerability, is also a territory of creative reinvention, where young people develop unique modes of existence.

Keywords: Adolescence; Territory; Intersectionality; Subjectivity

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEVICA	Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescente
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, e outras identidades e expressões de gênero e orientação sexual.
LILACS	Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
PBE	Prática Baseada em Evidências
Pepsic	Periódicos eletrônicos em Psicologia
RIL	Revisão Integrativa de Literatura
Scielo	Scientific Electronic Library Online
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

Tabela 1: Artigos selecionados

FIGURAS

Figura 1: Modelo revisão integrativa

APRESENTAÇÃO

Esse presente trabalho pode ser escrito devido a atuação no Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O estágio profissional ofereceu oportunidades de atuação no atendimento clínico de crianças e adolescentes vítimas de violência com base na Terapia cognitivo comportamental e Terapia do Esquema, acompanhamento e orientação de pais ou cuidadores dos pacientes atendidos pelo laboratório, troca intersetorial com a equipe técnica dos equipamentos de proteção do território, como casas de acolhimento dos respectivos pacientes, Vara da Infância, Juventude e escolas. Além de elaboração de relatórios psicológicos dos pacientes para as audiências concentradas que ocorrem na Vara da Infância e Juventude e oficinas voltadas ao público infanto juvenil; participação em pesquisa de alunos de doutorado do PPGPSI, assim como ministrar e organizar eventos temáticos sobre as temáticas do laboratório.

Executando os diversos trabalhos citados o responsável por esse projeto de TCC pode atuar em diversas posições observando inúmeros pontos que coincidem nas temáticas voltadas a adolescência, dentre elas o território vulnerabilidade, surgiu como um dos temas mais importantes com quando falamos sobre construção de subjetividade do público alvo do laboratório, que em grande maioria atua na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. A periferia, se demonstra então um forte marcador subjetivo na construção do sujeito contemporâneo

1. INTRODUÇÃO

A juventude periférica no Brasil representa um dos grupos sociais mais significativos e, por outro lado, mais negligenciados em termos de políticas públicas e reconhecimento social. Segundo a UNICEF (2020) mais de 13 milhões de meninos e meninas de até 19 anos vivem nas capitais brasileiras. As juventudes brasileiras não possuem as mesmas realidades, como será detalhado nesta produção, ainda que vivam a mesma contemporaneidade, contextualmente existem inúmeros fatores que as diferenciam e é importante entender essa diversidade existente.

Em relação ao domicílio ocupados por jovens, verificamos que é mais fácil encontrar proporcionalmente mais jovens nas favelas do que fora delas (Atlas da Juventude, 2021).. Ademais há 10% mais chances de encontrar jovens na metade mais pobre da população do que na população geral . Esse dado é importante para se atender às condições socioeconômicas dos mesmos, no que tange a distribuição desses jovens em capitais, regiões metropolitanas e periferias percebemos uma grande variação relativa aos estados brasileiros. Nas capitais Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Ceará as maiores taxas de jovens estão nas periferias. (Atlas da Juventude, 2021).

Esses dados são importantes para entender alguns fenômenos, como afirma o Atlas da Juventude (2021), a parcela mais pobre da população juvenil sofrem mais com desemprego, continuidade na formação educacional e dificuldades com a jornada de trabalho. Ainda segundo esses dados os homicídios no Brasil se afirmam como maioria em relação a jovens negros, de periferias urbanas e em concordância, esse marcador racial também diz respeito a vítimas de violência policial. Todos esses fatos refletem a intersecção territorial, racial e cultural frente ao público jovem periférico brasileiro.

É entendido que o espaço é onde se dá a construção do sujeito. Não é apenas um espaço físico, se trata de um local onde se produz subjetividade. Assumindo, sua constituição a partir das significações próprias do sujeito frente às interações com o próprio território, como espaço físico, e as relações ali existentes (Franco e Stralen, 2012). Importante então, entender o território como um local de constante mudança que influi na construção de identidades juvenis e também é produto da mesma, possuindo essa relação interdependente.

A partir desse ponto é importante frisar que a própria definição de periferia é alvo de disputas conceituais. A periferia brasileira foi construída a partir de um processo de urbanização capitalista. Se tratando de um fenômeno que não apenas representa localizações geográficas, apesar de estar comumente relacionado a uma distância dos centros econômicos e culturais. A representação física dessa distância não é o único marcador que define a periferia, está acima de tudo ligado a processos de exclusão e marginalização dos indivíduos que vivem nesta localidade através de mecanismos como falta de acesso a direitos e estigmas que associam a marginalidade a esses territórios (Das Neves e Das Neves, 2016). Os espaços periféricos são delimitados não por características físicas, mas pelas relações de desigualdade, condição econômica e social. (De Jesus e Likem, 2021).

E é sobre essas perspectivas que se coloca o objetivo desta pesquisa: investigar, através de uma revisão integrativa da literatura nacional, como a periferia impacta a formação da subjetividade dos jovens, considerando tanto os mecanismos de opressão quanto às estratégias de resistência que ali se desenvolvem. Para isso, foi usada a pergunta norteadora: “Como se dá a formação de subjetividade do jovem periférico através de seu próprio território e suas implicações?” para a elaboração da revisão integrativa. A abordagem interseccional (CRENSHAW, 1989) se mostra fundamental para o entendimento desse contexto, ao permitir analisar como raça, classe, gênero e território se articulam para produzir experiências únicas advindas das desigualdades e marginalizações dessas interseções. Se, por um lado, a periferia é espaço de negligência estatal e invisibilização cultural, por outro, produz (re)invenções que se opõem a estereótipos e reivindicam seu pertencimento social, não marginalizado.

A metodologia escolhida foi a revisão integrativa da literatura (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010), para mapear, analisar e interpretar o conhecimento científico existente. Os resultados esperados incluem: (1) o entendimento das condições sociais que moldam a subjetividade periférica; (2) a análise de como marcadores sociais interseccionais produzem vulnerabilidades, marginalizações e potencialidades; e (3) a identificação de formas de resistência dos jovens periféricos.

A relevância deste estudo reside na ampliação dos conceitos de periferia, não como "problema" a ser resolvido, mas como território de direitos e produções culturais válidas. Ao articular dados qualitativos, tem o intuito superar visões reducionistas e destacar como os

jovens periféricos reconstroem, cotidianamente, noções de cidadania e identidade em meio a adversidades estruturais.

A fundamentação teórica do presente estudo está dividida em três partes. Na primeira parte tem o intuito de conceitualizar o que é adolescência, a partir de seu conceito histórico e contextual. Abordando também a idéia de “adolescências” dado a diversidade de vivências frente ao que estabelecido universalmente como um processo Shoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvaes(2010). No segundo capítulo, procura-se entender o conceito de território e subjetividade e como eles se relacionam . Na terceira etapa pretende-se compreender o conceito de periferia, como se dá a juventude periférica e seus atravessamentos a partir da interseccionalidade.

2. JUSTIFICATIVA

Segundo os dados do Censo Demográfico de 2022 divulgados pelo IBGE, o Brasil tinha dentro da faixa etária de 10 a 19 anos, o que é considerado pré-adolescência e adolescência no Brasil, a população de cerca de 27,9 milhões de adolescentes. Sobre a distribuição em periferias, o conceito está associado a áreas urbanas com infraestrutura precária, acesso limitado a serviços públicos e baixa renda. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua e de estudos sobre segregação urbana, uma parcela significativa da população jovem no Brasil reside em áreas periféricas, especialmente em grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, no entanto ainda não existem números exatos, pelas dificuldades da aplicação dos últimos censos no Brasil, precarizados também pela pandemia de COVID-19.

Mesmo assim, sem base de faixa etária, periferias concentram grande parte das populações de baixa renda, dados do IBGE mostram que cerca de 24% dos brasileiros vivem em favelas ou áreas consideradas irregulares. A maioria dessas áreas está na periferia urbana, sendo adolescentes são uma parcela significativa dessa população.

Há uma grande dificuldade no entendimento e delimitação dessa população até mesmo por discordâncias no que é entendido como periferia. Segundo D'Andrea (2013) o termo periferia não tem origem na própria periferia, mas sim um termo acadêmico, o que dificulta sua delimitação.

Para entender o fenômeno que são as periferias, primeiro, será necessário contemplar os processos pelos quais a constituem. Nesse sentido, D'Andrea (2013) estabelece a heterogeneidade do ambiente periférico que se constitui não apenas pela precariedade como costuma ser ligada, mas se constitui a medida que existe socialmente.

Em contrapartida certas características do que são comumente vistas como periferia no Brasil, possuem características como aspecto populacional que tende a possuir baixa renda como demonstrado pelo Mapa da Desigualdade 2021, quando demonstrou que 5 bairros com a maior população de São Paulo possuem menor renda mensal comparativamente com outros bairros. Por fim, fica clara a relevância populacional da população citada.

Correlacionando outros fatores, a noção de juventude também é sociocultural e dependente do seu tempo como é descrito por Bourdieu (2000). As delimitações do que se entende como marco da vida são relativas, correlacionáveis com outros marcadores sociais

como classe, território, raça e gênero. Todos os marcadores se relacionam na constituição do sujeito e cria vivências únicas e interferindo na forma de vivências da juventude.

Dessa maneira a periferia seria um marcador social que atravessa todos os outros, um constituinte do sujeito, que se expressa em outros espaços como escola, família, rua e comunidade. Esses são atravessados por questões de território ligadas à pobreza, violência, negligência estatal e ao trabalho Guareschi et al. (2003). Existe então uma dificuldade de compreensão na dificuldade de pertencimento à sociedade, muito voltado a conceitos de marginalização. Existe uma diferenciação da cultura hegemônica social, ou seja, uma cultura popular desvalorizada e uma cultura de elite que socialmente não se mostra ao alcance da periferia. Isto cria uma ideia de não existência do local, se vinculando a uma negligência estatal, social e uma invalidação cultural.

Portanto, a discussão desses conceitos e problemáticas a fim da criação de um território coletivo e diversificado que pertence a todos os âmbitos sociais e econômicos. A cidade é um território heterogêneo com diversas construções de identidade, inclusive periféricas. Dessa maneira, entende-se que a juventude precisa enxergar o território como ambiente a ser usado por direito, como uma forma de cidadania, assim como deve ter direito a validação em sua própria cultura, não mais marginalizada, mas como alguém pertencente aos meios sociais. A importância de se discutir território se transmite desse ponto como apontado por Lana, Silva e Calais (2020), ao apontar que os marcadores sociais criam dessa maneira uma juventude heterogênea., possibilitando o exercício da cidadania e um sentimento de pertencimento da juventude.

3. OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL

Investigar através da revisão integrativa da literatura nacional o impacto da periferia na formação de subjetividade do jovem periférico, afastadas do que se entende como centro cultural, esquecida e marginalizada de toda atenção estatal, social e cultural.

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Analisar a partir da literatura científica nacional como se aborda a influência das condições sociais, culturais e econômicas das periferias na constituição subjetiva dos jovens.
- Identificar as potencialidades e resistências culturais presentes nas periferias que contribuem para a produção de subjetividades singulares.
- Compreender de que forma os marcadores sociais — como classe, raça, gênero e território — se entrelaçam na formação da subjetividade juvenil periférica.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Adolescências

Adolescência se trata de um conceito histórico cultural assim como biopsicossocial, segundo a Organização Social da Saúde, OMS (2025), é compreendida como uma fase da vida compreendida entre os dez aos 20 anos de idade. Mesmo conceito utilizado pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2025), que também delimita uma fase chamada de juventude entre quinze a 24 anos. No entanto, a idade compreendida entre 12 a 18 anos é a referência para adolescência utilizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

O conceito de adolescência se trata de uma idéia histórico contextual desenvolvida na modernidade após especificidades da colocação do homem como objeto de estudo como destaca Assis (1998). Apesar da universalidade do estágio da adolescência, percebe-se grande influência cultural na compreensão do mesmo, apesar de se apresentar como fenômeno também biológico, coincidindo universalmente com o momento de transformações corporais advindas da puberdade (Ferreira, Farias & Silves, 2010).

Embora adolescência diga a respeito a uma concepção moderna do que é o indivíduo, separando a de concepções ligadas tanto a infância como a vida adulta, e portanto, tornando se de uma fase própria com suas características investigadas a partir dessa ideia no século XX no ocidente como dito por Lirio (2012). As transformações biológicas sempre foram significativas em culturas antigas, referenciando- as como um momento de passagem de crianças para o que era entendido como universo adulto, partilhando práticas comuns entre adultos após as transformações do corpo desse indivíduo. Essa ideia é reforçada por Ariès (1981), no qual elabora sobre a construção social de concepções como infância, usando como base representações de crianças na idade média, em suma retratadas como mini adultos. Portanto, percebe-se uma mudança de paradigma em relação às fases da vida, as distinguindo e ganhando atribuições próprias.

Trata-se, portanto, de um período de transformações biopsicossociais. Nesse sentido as transformações corporais ou idade, que indiscutivelmente estão ligadas ao conceito de adolescência, mas não são suficientes para a transformação do que se entende como adolescente em adulto. Mudanças significativas sociais, na própria perspectiva sobre a vida, na cognição e nas suas relações familiares são necessárias para o entendimento do

amadurecimento desse indivíduo na sua adolescência, o que caracteriza esse momento como um período de mudanças (Ferreira, Farias & Silves, 2010).

O que caracteriza a adolescência é a necessidade da criança adentrar no mundo adulto, através das mudanças biológicas e sociais. Dessa maneira surgem problemas centrais da adolescência como a busca da identidade, visto a necessidade de inclusão e distinção nos meios parafamiliares. (Aberastury 1980). Se constrói então um período de experimentações de valores, de identidade e de papéis sociais, guiadas pela ambiguidade de ser criança e ser adulto.

A identidade do adolescente é construída hoje na sociedade ocidental a partir das características próprias desse período, uma cultura influenciada pela indústria da informação. Também a partir de uma tendência social e política de estabelecer relações mais iguais entre adultos, adolescentes e crianças, ao mesmo tempo que lida com conflitos pela posição inegavelmente elevada de adultos frente a crianças e adolescentes. (Ferreira, Farias & Silves, 2010). A formulação da identidade pessoal é considerada tarefa importante na adolescência, como constata Erikson (1972). Trata-se de um processo de definição de si mesmo a partir da construção de valores, objetivos e crenças que sofrem influência de inúmeros fatores intrapessoais, interpessoais e culturais para sua construção. A construção de identidade se dá pela formulação daquilo que é parecido ou diferente dos demais, reconhecendo capacidades e limitações. O não desenvolvimento da mesma, gera uma incapacidade de autonomia e de distinção de outros sujeitos em relação a si (Ferreira, Farias & Silves, 2010).

Em consonância, a ideia de “adolescências” surge também pela própria distinção do sujeito que só pode ser compreendido através da sociedade que está inserido. A subjetividade só pode ser compreendida quando referenciada a sujeitos dentro de uma organização social e cultural (Vygotsky, 1993). O adolescente ou jovem, não foge a regra, portanto a compreensão desses conceitos está diretamente atrelada a análise da sociedade no qual esse adolescente está imerso.

Por conseguinte a análise desses adolescentes passa também pelo contexto no qual estão inseridos, situações de risco, abandono, marginalização, exclusão social e perda dos direitos fundamentais presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente afetam diretamente na análise do que se entende como adolescência nesses contextos. Esses contextos produzem experiências particulares como é descrito por Abramovay et al (2002). Esses processos comuns na adolescência, como a construção identitária são regularmente interrompidos ou ressignificados devido às circunstâncias impostas a esses adolescentes em vulnerabilidade.

Existe uma fragilização das redes de proteção social que levam a uma ruptura precoce do que é esse período de experimentação característico da adolescência, o processo mais comum observado é uma adultização compulsória, a partir da necessidade de assumir responsabilidades incompatíveis com sua fase de desenvolvimento. Portanto, observam-se fenômenos que invalidam o processo descrito como adolescência nesses contextos, devido a necessidade da inserção precoce no mundo do trabalho, por consequência a evasão escolar e a limitação de perspectivas futuras.

Essas relações estabelecidas em contextos de vulnerabilidade social produzem efeitos profundos nas adolescências e em seus papéis familiares. Ambientes marcados pela exclusão são cíclicos, pois geram crianças e adolescentes passivas e com autoestima baixa. O contexto familiar é internalizado, e sua condição sócio-histórica é atribuída ao sujeito como falha própria, uma individualização de um problema que é inegavelmente social. Desde muito jovens esses adolescentes são inferiorizados, o que provoca profundas cicatrizes em sua subjetividade e construção como sujeito. Existe uma ausência de reconhecimento social, que é levada ao campo afetivo, tornando também as relações pobres afetivamente. A condição de marginalidade se torna inevitável e imutável, dada a falta expressão de projetos de vida alternativos (Pereira. 2013). Toda essa complexidade é importante ao se atentar no que se refere a adolescência em diferentes contextos, o que evidencia a existência de “adolescência” vividas e construídas a partir de suas especificidades culturais, sociais e biológicas.

Em conclusão é percebido o fenômeno paradoxal do conceito de adolescência, representada por um marco universal de desenvolvimento, ao mesmo tempo que se coloca como uma experiência única mediada por fatores históricos e culturais como foi expressado por Áries (1981). Há então a existência de múltiplas adolescências, algumas marcadas pela construção identitária (Aberastury 1980; Abramo, 1994) enquanto outras são marcadas pela privação de direitos fundamentais inerentes à fase de desenvolvimento dos mesmos.

4.2 Território, subjetividade e identidade

A partir dessa perspectiva de adolescência, enquanto fenômeno biopsicossocial como referenciado por Ferreira, Farias & Silvaes (2010), surge a questão de como se constituem as transformações desse período de desenvolvimento contextualizado em tempo e território, mais especificamente no território periférico, que também surge como espaço de exclusão e resistência (Abramovay et al., 2002; Pereira, 2013). Portanto se investiga a partir do conceito

de território suas influências neste período de desenvolvimento, tentando entender sua construção como sujeito a partir da idéia de produção subjetiva e identidade.

Território é um conceito abrangente que inicialmente pode ser compreendido como uma extensão espacial da jurisdição de um governo. Uma base física e da expressão do poder político. Uma extensão territorial que se materializa como um sistema político, significando um Estado nacional ou até mesmo unidades autônomas sociais. Entendida como uma base entre a dinâmica entre espaço e política, nesse sentido reflete também transformações das relações políticas contextualizadas em seu tempo. (GOTTMANN, 2012).

Nesse sentido, mesmo composto de elementos naturais, o território não é apenas um fenômeno material e natural. É um processo de ocupação humana no espaço, a partir de influências materiais, políticas e sociais, como afirma Gottmann (2012). Contemporaneamente, segundo o autor existiu uma reconfiguração da noção de território, mudanças essas que deram maior ênfase a noção de território relacionada a economia e cultura. Assumiu um papel até mesmo como um conceito para análise de dinâmicas sociais como passo importante para uma análise do território. Por fim, o território se afirma como um dispositivo psicossocial, que inclusive preserva a diversidade de comunidades em um determinado espaço geográfico, atualmente muito mais relacionado a uma organização social e cultural do que as suas características físicas.

Territorialidade pode ser vista nesse sentido como um fenômeno que surge das relações humanas mediadas por um objeto. O compartilhamento do território é uma expressão de existência social, funcionando como papel importante na construção de identidades coletivas, além de produção de laços culturais, surgimento de solidariedade e coletividade, se consolidando o lugar de existência um conceito dialético que pode mostrar ferramentas de comunicação social ao mesmo tempo que a construção de resistência e criatividade contra a mesma. O território se torna então o lugar de atuação e intermédio entre instituições e indivíduos, constituído entre conflito e cooperação em tudo que pertence ao meio (SANTOS, 1996).

A territorialidade constitui as identidades individuais e coletivas, atuando nos modos de subjetivação, no senso de coletividade, identificação e distinção. Estabelece proximidade nas relações materiais e imateriais. A identidade nesse sentido se mostra como um processo dinâmico, ao mesmo tempo que unifica é um diversificador, como aponta Saquet (2005). A

identidade territorial não surge apenas da convivência em um mesmo espaço, mas através de uma construção coletiva das relações que através de práticas e saberes de representações que façam sentido para aquele grupo social, o que por sua vez criam novas territorialidades em um processo histórico e relacional. Mostra-se então como um processo contínuo, fruto de reprodução cultural que molda e é moldado pelos sujeitos que a constroem, como afirmam Dematteis e Governa (2004).

Dessa maneira, como afirma Santos (1996), o sujeito opera através de interações políticas, sociais, econômicas e culturais mediadas pelo território que marcam a constituição única da sua experiência histórica particular. Bollnow (2008), entende que existe uma relação entre o íntimo da moradia e o espaço público da cidade, o que gera uma conexão com seu entorno através de elementos simbólicos comuns, marcando a construção do sujeito.

Franco e Stralen (2012) traçam um paralelo da dicotomia entre mundo interno (subjetividade) e mundo externo (espaço social) dentro da psicologia. Duas principais abordagens surgem no século XX tentando entender essa relação. A primeira perspectiva entende que o mundo social influi a formação de subjetividade através da socialização e da consecutiva introjeção, o que forma uma clara separação entre esses “mundos”. A segunda entende o social como parte do sujeito, não mais separado. O sujeito, portanto, parte de processos intrinsecamente conectados com seu meio, não mais apenas influenciado pelos processos sociais, econômicos, midiáticos, culturais e etc. A subjetividade é vista como um processo, e não uma estrutura influida pelo meio, mas parte dela. Trata-se de um processo variável e contínuo que surge receptivo a processos históricos, políticos, sociais e urbanos.

Subjetividade também surge como relação entre os outros sujeitos livres em espaço público como propõe Foucault. Nesse sentido, o espaço é fundamental para compreender como as relações de poder funcionam, assim como as técnicas de resistência. A subjetividade se revela nas conexões com objetos, sensações e relações que só podem ocorrer em espaço compartilhado (Nogueira, 2009). O espaço é onde cada sujeito constrói suas representações a partir de mediações culturais específicas, o que permite a idéia de que o espaço não é apenas físico e sim um local de onde se extrai a produção subjetiva. Pode assumir tantas formas quantas foram as mediações culturais do sujeito, é constituído pelas próprias significações do indivíduo. (Franco e Stralen, 2012). A produção do espaço é então indissociável da produção de subjetividade, no sentido que se produzem mutuamente nas práticas do cotidiano, nas

relações de poder e nas formas de habitar ligadas à experiência concreta do indivíduo com o mundo.

O território é tido como um cenário de constante mudança que desenvolvem identidades juvenis e um ator fundamental na construção subjetiva dos mesmos. O espaço periférico se trata de um dispositivo que tem suas próprias especificidades na forma de ser e reconhecer no mundo. (Abramovay et al. 2003 e Pereira 2013). Contextos periféricos, que serão mais explicitamente apresentados e conceitualizados adiante, se põem como um marcador identitário. Estigmas a que associam endereço a marginalidade, são formas de representação de jovens socialmente (Das Neves e Das Neves, 2016), o que gera produção de resistência e reinvenção através de espaços culturais. Existe então uma dupla face do território na identidade juvenil, opressora e potencializadora, uma dialética em forma de resistência contra as desigualdades propostas pelo meio.

A identidade territorializada de jovens não é estática, e sim um processo contínuo de remodelação. Como é apontado por Dematteis e Governa (2004), esse processo surge do coletivo e da apropriação do espaço, gerando novas formas de pertencimento. Como apontado por Erikson (1972) a adolescência é uma fase experimentação de novos papéis, que entra em choque com a constante mudança dos processos territoriais afetando diretamente a construção do jovem. É nesse processo que o território com falta de infraestrutura gera por consequência às redes solidárias, através dessas reorganizações jovens oscilam entre a reprodução e a transformação das lógicas territoriais e é nessa tensão que as identidades juvenis são marcadas pelo lugar de habitação ou território, ao mesmo tempo que não são reduzidas a ele (Pereira 2013).

4.3 Periferia, juventude e interseccionalidade

A periferia nas cidades brasileiras se formou como um produto histórico de um processo de urbanização capitalista. Ademais, se tratam de fenômenos que partem mais do que simples localização geográfica, apesar de muitas vezes estar associada com o distanciamento social do que é entendido como centro urbano e cultural, esses territórios têm principalmente relação com mecanismos de exclusão e segregação social (Maricato 1996). Como descrito por Jesus (2021) o mapa urbano brasileiro é traçado por uma linha tênue, invisível para os olhos de todos, no entanto forte o bastante para impedir o funcionamento das

políticas sociais, fornecimento de serviços públicos e autonomia da vida pública, o que por consequência reforça desigualdades.

Do Patrocínio (2017) tenta propor uma aproximação dos termos favela, periferia e subúrbio através de suas claras diferenças ou oposição à noção de centro, estabelecendo todos esses como territórios marginais. Esse conceito se aproxima ao de Santos (1996) que propõe uma compreensão de periferia além do que uma simples distância física, mas sim definida pela acessibilidade a serviços, oportunidades e direitos básicos fornecidos pelo Estado. Portanto, a periferia seria a negação, a inacessibilidade a esses direitos, o espaço físico apenas representaria uma marginalização social do ponto de vista naturalista, ou seja, a distância nada mais é do que uma representação física do simbolismo que é a marginalização.

No entanto, o afastamento periférico não é só quantificável em relação à distância entre a periferia e o centro, mas também são expostos pela condição de vida, moradia, acesso a trabalho, comércio, serviços públicos e comunitários. Os espaços periféricos não são mensuráveis apenas pelas características físicas, mas pelas relações ali postas pela desigualdade, condição econômica e social dos moradores, pela territorialidade e pelos estigmas de uma população que é marginalizada e invisibilizada. Todos esses fatores estão ligados à construção de uma classe de pessoas baseadas em seu local de habitação, moldando suas relações e oportunidades (Jesus 2021). A periferia se coloca como uma categoria de análise fundamental para entender as desigualdades que estruturam o território brasileiro, não é apenas uma localização geográfica mas um projeto urbano excludente que se pautam em dimensões geográficas, sociais, econômicas e simbólicas.

A compreensão dessas juventudes periféricas precisam de uma abordagem interseccional para o seu entendimento completo. Esse conceito foi elaborado pela teórica feminista negra Kimberlé Crenshaw ao perceber as inúmeras intersecções na qual uma pessoa está inserida e que relativo a sua raça, classe, gênero e território sofrem opressões específicas relacionados a cada intersecção. (Crenshaw 1989).

A interseccionalidade revela como políticas e ações opressivas atuam de maneira específica sobre diferentes corpos que carregam identidades marginalizadas. Em consonância os dados do Atlas da Violência (2025) escancaram esta realidade: a violência letal contra mulheres ainda é uma violência que majoritariamente acontece em ambiente doméstico, sendo estudada por essa ótica de violência de gênero doméstica. Dados evidenciam que nos casos de feminicídio, 64,3% dos eventos aconteceram dentro de casa. No entanto, quando se

pensa sobre a juventude masculina, percebe-se que homens são a maioria das vítimas de homicídio entre 2013 e 2023. A morte violenta se trata da principal morte de óbito entre jovens no Brasil, 34% das mortes foram por homicídio, e do total de homicídios no Brasil 47,8% eram jovens entre 15 e 29 anos. A população negra também aparece com taxas altíssimas de vitimização letal comparado a vítimas não brancas o que também evidencia que a população negra permanece submetida a um cenário de violência desproporcional. Todos esses dados corroboram com vivências específicas relacionadas a sua interseccionalidade.

Essa análise das dinâmicas na periferia podem ser aprofundadas a partir do entendimento do conceito foucaultiano de biopoder, e a partir dele, o conceito de necropolítica articulado por Mbembe (2016). A necropolítica amplia o conceito de biopoder ao analisar como o Estado regula quem pode viver e quem deve morrer, explicando a realidade das periferias, onde a violência policial e o extermínio juvenil criam "mundos de morte". Nesses territórios, populações inteiras são submetidas a condições de vida precárias, evidenciando como raça, classe e território se interseccionam para definir quem é alvo da máquina estatal de morte.

A condição socioeconômica, ligados a essa marginalização periférica impõe uma ruptura na vicissitude adolescente. A juventude periférica é comumente inserida precocemente no mercado de trabalho informal, assumindo responsabilidades adultas antes mesmo de concluírem sua formação educacional. Essa adultização forçada redefine os processos de subjetivação, como destacam Ferreira, Farias & Silveiras (2010), fazendo com que a construção identitária ocorra sob pressões materiais se limitem ou criem novas significações criando formas de resistência a esse efeito da marginalização.

Essa violência estrutural é manifestada como vulnerabilidade, que surge a partir de uma desproteção sistemática de segmentos populacionais, a partir da marginalização e violência de estado (Kowarick, 2009). Essa vulnerabilidade tem seus contornos particulares, não se reduzindo, por exemplo, a pobreza material envolvendo principalmente acesso a direitos básicos como educação, cultura e lazer. No entanto, esse território periférico, inerentemente desigual, se revela como espaço de potencialidades e de reinvenção cultural e política como forma de resistência. A literatura marginal mostra a construção desse estilo singular de existência, exemplificando a potência criativa de narrar as próprias histórias. Através dessas produções os moradores das periferias rompem com um lugar de produtos do meio para se afirmarem como sujeitos de sua trajetória (Das Neves e Das Neves, 2016).

Dessa maneira, discursos e produções sobre o meio não banalizam a cultura de violência, mas sim vão de encontro a essa cultura já banalizada pelo discurso dominante que colocam a questão de classe, raça e territórios periféricos relacionados à criminalidade. Que por essa lógica racista indica a origem da criminalidade como parte desse segmento social, promovido por negros e pobres (SANTOS, 2018). A cultura jovem se constrói a partir da rua, onde se produz uma cultura que busca a utilização de tempo em seu território buscando novas formas de lazer. E é nessa combinação de elementos que se produzem modos singulares de resistência no universo juvenil e na tensão entre todas essas questões produzidas pelo meio que se formam os subgrupos de resistência.

Essa dialética de opressão e resistência se propõe de formas diferentes quando pensamos nas intersecções de gênero. Jovens negros são as principais vítimas de homicídios e mulheres jovens sofrem formas específicas de marginalização, através de precarizações de trabalho doméstico e dificuldades de acesso a saúde sexual como apontado por Rosenthal e Lobel (2016). Da mesma maneira, as formas de resistência de duas intersecções se diferenciam na criação de coletivos femininos, redes de cuidado e expressões artísticas que denunciam suas respectivas opressões sofridas.

A cultura juvenil da periferia não é apenas um reflexo de exclusão, sendo uma resposta ativa a ela, o território marcado pela segregação, geram linguagens próprias através do funk ou grafite, por exemplo. Linguagem essa que reflete criticamente a realidade e é nessa escassez de equipamentos públicos de lazer e cultura que jovens reinventam o espaço urbano.

5. MÉTODO

Com o intuito de responder os objetivos propostos por esse estudo foi optado pela utilização da abordagem metodológica: revisão integrativa de literatura. A revisão integrativa foi escolhida pela capacidade de sintetizar e articular produções científicas sobre determinados temas, o que permite uma visão abrangente ao mesmo tempo especificada do campo de estudo escolhido. Essa metodologia, constituída como um instrumento da Prática Baseada em Evidências (PBE) possibilita o mapeamento de evidências existentes a partir da identificação de literaturas existentes a respeito do tema, possibilitando a integração de múltiplas perspectivas teóricas. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). A revisão integrativa de literatura possui então seis fases no total para sua elaboração: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise, crítica dos estudos incluídos e discussão dos resultados como representado na Figura 1 abaixo;

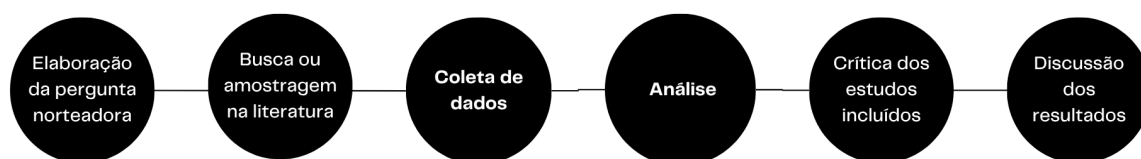


Figura 1: Modelo RIL

A articulação desse método tem o intuito de garantir abrangência na coleta de dados e a organização do conhecimento produzido acerca do tema. O que possibilita uma profundidade na análise qualitativa dos materiais pesquisados.

A pergunta norteadora para esta revisão foi: “Como se dá a formação de subjetividade do jovem periférico através de seu próprio território e suas implicações?”. A coleta de dados ocorreu em dezembro de 2024. As bases de dados digitais que foram utilizadas nesta revisão são: Pepsic (Periódicos eletrônicos em Psicologia), Scielo (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde). A partir dos descritores: Periferia; Território; Adolescência; Juventude; Juvenil; Adolescente; Jovem; Subjetividade; Subjetivação; Interseccionalidade.

Os critérios de inclusão considerados foram: 1) artigos completos que tratam da temática; 2) disponibilizado em português; 3) Conter ao menos dois dos termos contextuais:

periferia, território, adolescência, juventude, juvenil, adolescente, jovem, subjetividade, subjetivação, interseccionalidade como temas desenvolvidos. 4) ter sido publicado nos últimos 10 anos, ou seja, entre 2014 e 2024. Como critérios de exclusão foram avaliados: 1) artigos disponibilizados de forma parcial; 2) textos disponíveis em outros idiomas que não seja Português 3) artigos fora dos anos considerados. A coleta de dados foi realizada com o auxílio de uma tabela com os tópicos: Procedência, Título do artigo, Autores, Periódico (vol, no , pág, ano), Considerações / Temática.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos descritores: Periferia Território; Adolescência; Juventude; Juvenil; Adolescente; Jovem; Subjetividade; Subjetivação. Sendo assim no levantamento e exclusões foram encontrados no total 23 artigos nacionais entre 2014 e 2024 abordando a temática. Dessa maneira, esse trabalho propõe a revisão e análise das literaturas produzidas nos últimos 10 anos sobre a produção de subjetividade territorial da juventude nas áreas periféricas , a partir da metodologia de revisão integrativa de literatura de Souza, Silva e Carvalho (2010).

Tabela 1: Estudos selecionados na RIL

Procedência	Título do artigo	Autores	Periódico	Categoria	Considerações / Temática.
Pepsic	Fardados Ao Fracasso	Laura Sahm Shdaior	J. psicanal. vol.56 no.105 São Paulo jul./dez. 2023 Epub 26-Ago-2024	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Articulação dos atores do território central da cidade de São Paulo, sendo eles sociedade civil, trabalhadores e usuários dos equipamentos da rede de atenção psicossocial. Consiste na reunião mensal desses agentes e na discussão de temáticas que se relacionam com as áreas dos direitos humanos, da saúde mental e da redução de danos, da cultura e da infância e adolescência.
Pepsic	"Foguete Ou Tiro?": A Produção De Subjetividad e De Juventudes A Partir Do Território	Paloma De Almeida Albergaria Lanna ⁱ ; Matheus Henrique Silva ⁱⁱ ; Lara Brum De Calais ⁱⁱⁱ	Pesqui. prá. psicossoci ais vol.16 no.1 São João del-Rei jan./mar. 2021	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Analisa os efeitos que o território produz na construção da subjetividade da população jovem moradora de um bairro periférico da cidade de Juiz de Fora/MG

Pepsic	Ou Caminha Com Deus Ou Dança Com O Diabo: Igrejas Neopentecostais E O Dispositivo Da Sexualidade	Rodrigo Kreher ¹ E Neuza Maria De Fátima	Desidades vol.17 Rio de Janeiro out./dez. 2017	Periferia gênero e sexualidade	Modos como as igrejas neopentecostais concentram um olhar mais específico sobre a sexualidade de jovens periféricos
Pepsic	Internet, Subjetividade E Juventude: Fortalecimento De Vínculos Na Periferia Cubatense	Danilo De Miranda Anhas	Arq. bras. psicol. vol.73 no.1 Rio de Janeiro jan./abr. 2021	Resistência, cultura e potencialidades	Analisa sentidos e significados dos usos da internet e das redes sociais, sobretudo WhatsApp, Facebook e YouTube, atribuídos por jovens de uma comunidade da periferia de Cubatão/SP e participantes do movimento <i>hip hop</i>
SCIELO	Redes Da Cena Hip-Hop De Maceió: Juventude, Cidade E Afetos Em Movimento	João Batista De Menezes Bittencourt E Ibrahim Serra Barroso	Educ. Pesqui. 50 • 2024	Resistência, cultura e potencialidades	Reflexão socioantropológica sobre o surgimento do hip-hop na capital alagoana, percebendo este fenômeno como uma das primeiras manifestações artísticas encabeçadas por jovens negros, moradores de periferia da cidade de Maceió
SCIELO	Pedagogia Da Precariedade: As Experiências De Jovens Em Um Projeto De Prevenção	Daniela Cristina Neves De Oliveira	<u>v. 16 n. 2 (2023): MAI/JUN/JUL/AGO</u>	Projetos, intervenções e educação	Experiências de jovens no Projeto Proteção de Jovens em Território Vulnerável (Protejo), implementado em 2019 no bairro Jardim Carapina, periferia da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), Espírito Santo.

	Da Violência Na Periferia Da Região Metropolitana Da Grande Vitória				
SCIELO	Educação E Agenciamentos Em Periferias Urbanas: A Produção De Alternativas Laborais Entre Jovens	Leandro R. Pinheiro	EDUR • Educação em Revista. 2020; 36:e205923 DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698205923	Projetos, intervenções e educação	Condições de trabalho de jovens na atualidade para discutir tomadas de posição na produção de alternativas laborais associadas à condição juvenil contemporânea, destacadamente à fruição de práticas culturais em contextos de periferia urbana.
SCIELO	Juventude(S) Periférica(S) E Subjetivações: Narrativas De (Re)Existência Juvenil Em Territórios Culturais	Beatriz Akemi Takeiti, I, H Maria Cristina Gonçalves Vicentin	Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. esp., p. 256-262, set. 2019. doi: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028	Resistência, cultura e potencialidades	Linhas singulares de subjetivação experimentadas pela juventude enquanto produção estético-cultural que configura a periferia como território existencial. Pretendemos contribuir para a discussão da relação entre hierarquização socioespacial das cidades e os processos de subjetivação de forma crítica aos processos de vitimização, criminalização e estigmatização juvenil.
SCIELO	Deslocando Fronteiras: Notas Sobre Intervenções Estéticas, Economia Cultural E Mobilidade Juvenil Em Áreas Periféricas De São Paulo E Lisboa	Guilherme Aderaldo E Otávio Raposo	Artigos • Horiz. antropol. 22 (45) • Jan-Jun 2016 • https://doi.org/10.1590/S0104-7183201600100011	Resistência, cultura e potencialidades	reflexão acerca das possibilidades de trocas econômicas e simbólicas que se desdobram da relativa democratização do acesso aos meios digitais, sobretudo, entre as populações jovens e habitantes de áreas socialmente marcadas por processos de precarização nas metrópoles globais.
SCIELO	Escritas Dissonantes: Escolarização, Letramentos, Novas	Alexandre Barbosa Pereira	Artigos • Horiz. antropol. 21 (44) • Jul-Dec 2015 •	Projetos, intervenções e educação	Aborda a escrita, simultaneamente, como técnica e como prática social. Desse modo, a partir de pesquisas realizadas em escolas públicas de ensino médio da periferia de

	Tecnologias E Práticas Culturais Juvenis		https://doi.org/10.1590/S0104-7183201500200005		São Paulo, entre 2006 e 2010, e com práticas culturais juvenis, desde 2002, apresenta-se os múltiplos aspectos revelados sobre as diferentes formas de letramento e suas implicações políticas
SCIELO	Trajetórias Educacionais De Jovens Residentes Em Um Distrito Da Periferia De São Paulo	Mariana Bittar	• Rev. bras. Ci. Soc. 30 (89) • Out 2015 • https://doi.org/10.17666/308947-61/2015	Resistência, cultura e potencialidades	Objetivos explorar de que forma os elos estabelecidos nas esferas de sociabilidade em que os jovens estão inseridos se articulam e afetam as suas trajetórias educacionais, provocando mudanças ou fortalecendo sua direção inicial, e em que medida situações de crise podem afetar sua relação com esses elos e, consequentemente, seus percursos
LILACS	A Subtração Da Vida Como Política De Morte: Vozes De Mães De Jovens Negros Assassinados	Vivane Martins Cunha E Lisandra Espindula Moreira	Psicologia : Ciência e Profissão 2023 v. 43, e246660, 1-16. https://doi.org/10.1590/1982-3703003246660	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Objetivamos reconstruir, por meio das vozes de mães de jovens negros mortos em ações policiais, a subtração da vida de seus filhos em contínuas políticas que precarizavam suas existências ao negar-lhes direitos básicos e cidadania.
LILACS	Retratos, Relatos E Impressões De Crianças Moradoras Da Periferia De São Paulo Sobre A Cidade	Larissa Bertagnoni a , Sandra Maria Galheigoa	Cad. Bras. Ter. Ocup. 29 • 2021 • https://doi.org/10.1590/1982-3703003246660	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Conhecer e compreender as percepções de crianças vivendo em condições complexas de vulnerabilidades, residentes na periferia, acerca de seu território na cidade de São Paulo, assim como identificar as relações por elas estabelecidas com esses espaços
LILACS	Já É Quadrinho Do Morro: Juventudes E Complexidades Periféricas	Andréa Máris Campos Guerra 1 Mariana Da Costa Aranha2 Mariana Furtado Vidigal 3	Revista de Psicologia , Fortaleza, v.9 n1, p. 42-52. 2018 https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32855/1/2018_art_am	Projetos, intervenções e educação	Propõe uma reflexão sobre estratégia metodológica de intervenção orientada pela psicanálise e voltada à população jovem, negra, masculina e de periferia

			cguerrame ararã.pdf		
LILACS	Os Projetos De Vida Dos Jovens Da Maior Favela Carioca, A Maré.	Shyrlei Rosendo Dos Santos	Revista de Psicologia , Fortaleza, v.9 n1, p. 81-96. 2018 https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32859/1/2018_art_srsantos.pdf	Resistência, cultura e potencialidades	Projetos de vida educacional de 89 jovens moradores da favela da Maré, no Rio de Janeiro, que se encontravam na última série do Ensino Médio. O que motivou o estudo com os jovens da favela foi a tentativa de contrapor o senso comum que apreende os jovens moradores das favelas como sujeitos propícios a práticas ilegais, o que não corresponde à realidade
LILACS	Esporte, Infância E Juventude Despossuída : Uma Análise Das Ong's Como Acontecimento Discursivo	Rubia-Mar Nunes Pintoa, E Cristina Borges De Oliveira B	Artigos Originais • Rev. Bras. Ciênc. Esporte 39 (1) • Jan-Mar 2017 • https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.013	Projetos, intervenções e educação	Fez-se a análise dos discursos publicados nos sites de nove ONGs que centram sua ação na oferta de atividades esportivas para o público infanto-juvenil que vive em periferias urbanas
LILACS	Periferias (In)Visíveis: O Território-Vivo Da Brasilândia Na Perspectiva De Jovens Moradores	Beatriz Akemi Takeiti Maria Cristina Gonçalves Vicentin	<i>Distúrb. comun ; 29(1): 144-157, mar. 2017. ilus</i> https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/29591/22347	Periferia, violência marginalização e vulnerabilidade	Uma perspectiva histórica do território da Brasilândia a partir de narrativas de seus jovens. Pretende refletir sobre os modos de existência destes jovens construídos neste território
LILACS	Intervenção Social Por Adolescentes Na Adesão De Mulheres Ao Exame Colpocitológico	Nara Sibério Pinho Silveira		Periferia, gênero e sexualidade	Objetiva avaliar os efeitos de uma intervenção social envolvendo adolescentes, na adesão de mulheres ao exame colpocitológico.
LILACS	Re-Tratos Da Juventude Na Cidade De	João Paulo Pereira Barros, Lilith Feitosa	Revista de Psicologia , Fortaleza, v.7 n.1, p.	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Analisa processos de criminalização e extermínio de jovens em Fortaleza, capital brasileira com maior índice de homicídios desses segmentos, e

	Fortaleza: Direitos Humanos E Intervenções Micropolíticas	Acioly, Júlia Alves Dias Ribeiro	115-128, jan./jun. 2016 https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21210/1/2016_art_jppbarros.pdf		dar visibilidade a práticas micropolíticas frente a tais aviltamentos de direitos humanos na periferia da cidade
LILACS	Violência, Delinquência E Tendência Antissocial. Sobre A Experiência De Um Atendimento A Crianças Vítimas Da Violência Em Uma Favela Do Rio De Janeiro	Rosa Lucia Soares Paiva, Maria Helena Rodrigues Navas Zamor, Junia De Vilhen E Sergio Gomes Da Silva	Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 891-915, 2015. https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistas/article/view/19418/14095	Resistência, cultura e potencialidades	Objetiva a socialização de crianças e adolescentes moradores de uma favela no Rio de Janeiro vítimas de violência, a partir de atividades circenses, lúdicas, criação de figurinos, aprendizagem de danças e capoeira, acompanhadas por uma equipe de assistentes sociais, pedagogos e psicólogos
LILACS	Entre A Violência E A Cidadania: Um Olhar Sobre A Mortalidade Juvenil	Thaís Juliana Medeiros* Ana Paula Serrata Malfitano	O Mundo da Saúde, São Paulo - 2015;39(1):62-73 https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/download/344/291	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Discutir a mortalidade de jovens por homicídios e suicídios em um município de porte médio do interior paulista, São Carlos, SP, na última década
LILACS	A Vulnerabilidade Dos Jovens À Morte Violenta: Um Estudo De Caso No Contexto Dos “Crimes De Maio	Caren Ruotti Juliana Feliciano De Almeida Fernanda Lopes Regina Viviane Coutinho Massa Maria Fernanda	Dossiê Violência: questão de interface entre a saúde e a sociedade • Saude soc. 23 (3) • Jul-Sep 2014 • https://doi.org/10.159	Periferia, violência, marginalização e vulnerabilidade	Aborda a história de um jovem morador de um bairro periférico de São Paulo sumariamente executado no contexto dos “Crimes de Maio” ocorridos em 2006.

		Tourinho Peres	<u>0/S0104-1</u> <u>29020140</u> <u>00300001</u>		
--	--	-------------------	--	--	--

Fonte: Elaboração própria

Os estudos foram divididos em subgrupos, de acordo com uma classificação estabelecida, com o intuito de serem trabalhadas separadamente na discussão. A classificação conceitual foi separada em temáticas incidentes dentro do contexto periférico juvenil apresentados nos estudos, as mesmas são: periferia gênero e sexualidade; periferia, marginalização e vulnerabilidade; resistência, cultura e potencialidades; aplicação de projetos, intervenção e educação; periferia, gênero e sexualidade.

6.1 Temática 1 - Periferia, marginalização, violência e vulnerabilidade

A análise dos dados reunidos nesta revisão integrativa revela um cenário complexo sobre a relação entre periferia, marginalização e vulnerabilidade na vida dos jovens brasileiros. Como demonstram os estudos revisados, a experiência da adolescência em territórios periféricos é profundamente marcada por processos estruturais de exclusão.

Os estudos revisados mostram um quadro que coloca a periferia como um local de produção e reprodução de vulnerabilidades entre a juventude em território nacional. As pesquisas analisam uma profunda reclusão territorial, racismo estrutural e uma violência institucionalizada no cotidiano do jovem periférico brasileiro.

Como apresentado por Lanna, Silva e Calais (2021) em um estudo em Juiz de Fora, o medo da violência é corriqueiro, seja eles do tráfico, organizações criminosas ou até mesmo da polícia, todos esses atuando como mecanismos que limitam por exemplo a mobilidade urbana. O território se mostra então como um limitador ao mesmo tempo que um espaço de pertencimento, o que pode fortalecer laços comunitários, mas por outro lado limita acesso a serviços e a cidade. A violência se manifesta então até mesmo na infraestrutura precarizada, que não permite a circulação segura desses jovens na cidade, o que por consequência os (in)visibiliza.

Cunha e Moreira (2023) trazem a dimensão racial como um dos pontos centrais para a vulnerabilidade produzida em territórios periféricos. Os autores trazem relatos de mães que perderam seus filhos para violência policial, que revela o caráter genocida do Estado contra

jovens negros, em maior vulnerabilidade frente ao seu território, e relataram sobre a perda de espaços de socialização. Apontam também a interrupção de projetos culturais, como uma negligência estatal, também violenta, ao reduzir as potencialidades e locais de lazer dessa população.

A dinâmica de violência é corroborada por Barros, Accioly e Ribeiro (2016), em seu estudo em Fortaleza, no qual discorrem sobre jovens pobres como alvos preferenciais de um “extermínio legitimado” provocado pelo estado e justificado pela marginalização e estigmatização dessa população jovem, periférica e negra. A seletividade do sistema penal e midiática quando se diz respeito à morte daqueles que são considerados “não cidadãos”, baseados em estigmas sociais que dizem o que pode ser um não um “cidadão de bem”. Mostra como a condição financeira, território, raça, até local e horário supostamente inapropriados surgem como justificativas para o questionamento sobre a inocência ou não de jovens mortos em chacinas promovidas pelo Estado.

Os dados quantitativos reforçam essas narrativas. Medeiros e Malfitano (2015) mostram que em São Carlos, 93,2% das vítimas de homicídio eram homens, 41% moradores de periferia, com taxa de mortalidade de negros/pardos 11,56%, superior à sua representação populacional (26,35%). Esses números representam uma perda de cidadania descrita pelos autores, essa perda que advém de uma combinação da pobreza, do racismo e da violência institucional provocada pela polícia, que negam direitos básicos a jovens periféricos.

O estudo de Ruotti et al. (2014) sobre o caso de Gabriel sintetiza a complexidade dessas dinâmicas, em um caso específico. Os autores mostram como múltiplos fatores como a desigualdade social, criminalização da juventude, violência policial e crime organizado se relacionam para aumentar a probabilidade de desfechos violentos. Essa análise multidimensional é crucial para compreender que a vulnerabilidade juvenil não é natural, ao mesmo que não se tratam de casos isolados. São, portanto, produto de escolhas políticas sistemáticas e arranjos institucionais que possuem por objetivo a marginalização e vulnerabilidade de jovens negros nas periferias brasileiras.

Os dados qualitativos reunidos nesse eixo temático apontam para alguns pontos que são corroborados em mais de um dos estudos, cada um sobre sua própria ótica e a partir de suas próprias metodologias. Nesse sentido podemos observar alguns apontamentos importantes: a existência de um abandono estatal, manifestado na precariedade de serviços públicos, interrupção de projetos culturais e esportivos, e ausência de políticas específicas

para a juventude; na manutenção de uma violência institucional, presente em ações policiais seletivas, baseadas em estigmatizações, marginalizações e no racismo estrutural; também a naturalização do extermínio das populações em vulnerabilidade; e a realidade de um Racismo Estrutural, que naturaliza a associação entre juventude negra periférica e criminalidade, legitimando formas sutis (negação ou inaceitabilidade de direitos) e explícitas (extermínio de populações periféricas) de exclusão.

Contudo, as mesmas pesquisas também revelam que esses territórios marginalizados são palco de resistências cotidianas, através de produções culturais próprias e reinvenções de modos de vida, revelando uma potencialidade. Elaborando a partir das próprias vulnerabilidades uma construção de redes comunitárias e até a produção cultural que ressignifica a experiência periférica. Dessa maneira os jovens desenvolvem estratégias e produções culturais para afirmar sua dignidade e direito à cidade, é então nesse combate às desigualdades que residem possibilidades de transformação. Algo que irá ser mais trabalhado no próximo eixo temático, em pesquisas que possuem a resistência frente a esse processo de marginalização como principal objeto de pesquisa .

Essa revisão dos estudos deixa claro, portanto, que para compreender a juventude periférica é necessário uma análise multifacetada, do território e de conceitos interseccionais, que revelam a complexidade da população estudada, o que proporciona a desestigmatização dessa população que é constantemente marginalizada. Além do entendimento da violência estrutural e as respostas criativas que ela provoca, é essencial a compreensão que jovens constroem trajetórias que desafiam a marginalização, reivindicando seu lugar como sujeitos de direitos e produtores de cultura. Cabendo às políticas públicas reconhecer e ampliar essas potencialidades, garantindo que o território periférico deixe de ser marca de exclusão para se tornar espaço de cidadania.

6.2 Temática 2 - Resistência, cultura e potencialidades

A partir do primeiro eixo de análise revelou os mecanismos de marginalização e vulnerabilidade que atingem os jovens nas periferias, este segundo momento irá se referir aos estudos que analisam as estratégias de resistência e reinvenção cotidiana que emergem de territórios periféricos a partir da juventude. Longe de se reduzirem a vítimas passivas das estruturas de exclusão, os jovens periféricos buscam através de práticas culturais, redes

comunitárias e linguagens artísticas ressignificar seu lugar na cidade e por consequência subvertem os estigmas que lhes são impostos.

Nesse sentido, a análise dos estudos revela que paralelo aos processos de marginalização e vulnerabilidade, os territórios periféricos são também um espaço de criação e reinvenção como uma forma de resistência a esses processos por parte da juventude. As pesquisas mostram como a produção cultural, redes comunitárias e outras estratégias cotidianas surgem como resposta criativa às adversidades provenientes das experiências periféricas, o que afirma uma nova possibilidade de existência.

Se mostrou taxativo nos estudos que a cultura desempenha um papel central na construção de identidade, na disputa de visibilidade e direitos. Takeiti e Vincentin (2019) discorrem sobre como movimentos como o hip-hop, a literatura marginal e saraus possibilitam a ressignificação de trajetórias de jovens periféricos, o que rompe com estereótipos de criminalidade constantemente associados aos mesmos. Ademais, a produção artística e cultural possibilita o encontro em locais de produção artística, o que fortalece também laços comunitários. Essas práticas vão de confronto a invisibilidade imposta pela marginalização, se trata de um local que renega a passividade frente às narrativas periféricas, a partir da criação de novas narrativas, que colocam a arte como um vetor de transformação.

Bittencourt e Barroso (2024) corroboram com essas afirmações mostrando a dimensão política do Hip-Hop. O movimento é apresentado como uma ferramenta de engajamento e resistência que mobiliza jovens frente a projetos socioculturais que combatem a violência e promovem educação. São retratadas como dinâmicas de oficinas e eventos atuam como resistência à marginalização, através de uma articulação entre arte e ativismo político. São retratadas através da metodologia própria, de entrevistas, como a dança e música são formas de escapar ou lutar do extermínio da juventude negra. Dentro desses contextos de produção cultural a individualidade é importante para a criação de ferramentas coletivas de objetivos comuns dessa população. Os diferentes espaços que cada um ocupa e seus estilos de vida provocam são expressões e construções de sua própria subjetividade, tudo isso expresso nesse meio coletivo proporcionado pelas produções culturais.

Takeiti e Vincentin (2017) evidenciam que a ausência de políticas públicas e culturais muitas vezes obriga a ocupação de jovens em espaços atípicos, como as ruas. Apesar disso, esses locais também surgem como local de encontro e de elaboração de novas sociabilidades,

demonstrando uma capacidade inventiva de transformar limitações em oportunidades. Além de apontar práticas culturais como parte fundamental da constituição do sujeito, como uma formação de memória afetiva importante, representada através do pertencimento territorial. Nesse sentido, espaços religiosos e culturais, frequentados no território, criam uma forma de resistência simbólica que contrapõe a narrativa hegemônica sobre a periferia.

Indo de encontro a essas produções, as redes sociais emergem como aliadas à produção artística. Como apontam Aderaldo e Raposo (2016), por mais que muitos jovens não consigam viver exclusivamente de suas produções, plataformas como o YouTube permitem a circulação de narrativas que desafiam estereótipos e conectam periferias, que vivem realidades parecidas, mesmo que distantes. Videoclipes e letras de rap, por exemplo, problematizam desigualdades urbanas, criando identificações que transcendem fronteiras locais. O que possibilita uma abrangência maior de possibilidades, um aumento e fortalecimento das redes de solidariedade, ao mesmo tempo que amplia o reconhecimento muitas vezes dificultado pela mobilidade defasada proporcionada pelo território periférico.

Também é destacada como as produções culturais não são as únicas potencialidades vividas na periferia. Jovens periféricos, mesmo diante de escolas precarizadas e uma inserção precoce no mercado de trabalho, elaboram projetos de vida diversos, todos baseados em sua realidade ou vivências próprias. O trabalho e a educação surgem como uma forma de ampliação de possibilidades frente a uma realidade que nega direitos. É revelado que são justamente os jovens mais estigmatizados, como os estudantes noturnos, que apresentam maior clareza sobre seus objetivos futuros, o que desafia os conceitos sobre jovens marginalizados. Essas iniciativas, obviamente, não ocorrem sem contradições.

Os dados qualitativos sobre o tema deste capítulo revelam ou pela sua relevância ou repetitividade entre os estudos revisados, como principais pontos os seguintes: a cultura como eixo central de resistência e ressignificação identitária; a construção de redes comunitárias que desafiam o isolamento territorial; e a reinvenção cotidiana de modos de vida que afirmam a dignidade e o direito à cidade. Essas estratégias revelam que a periferia não é apenas um lugar de carência, mas também de potência, onde jovens elaboram respostas criativas às violências estruturais.

6.3 Temática 3 - Periferia gênero e sexualidade

A partir do que já foi apresentado sobre o contexto periférico juvenil, agora serão trabalhadas outras interseccionalidades que também surgem nos dados qualitativos advindos dos estudos revisados. Nesse sentido, existe uma complexa interseção entre periferia, gênero e sexualidade, marcada tanto por vulnerabilidades estruturais quanto por estratégias de resistência e protagonismo juvenil.

Existe, portanto, um cenário que, em particular, jovens mulheres enfrentam sobre a informação relacionada à saúde sexual e reprodutiva. Desse modo, essa população está mais exposta a ISTs e câncer de colo uterino. Essas lacunas persistem mesmo entre mulheres adultas, mas são mais acentuadas na adolescência, refletindo a negligência histórica das políticas públicas em abordar questões de gênero e sexualidade de forma adequada em territórios periféricos. (Silveira, 2016)

A falta de acesso a informação dessa população ainda é agravada por contextos de início precoce da vida sexual, o que aumenta o risco para doenças como o HPV. Ainda assim, Silveira (2016) aponta que, como forma de resistência, jovens mulheres protagonizam também intervenções educativas para reverter esse quadro. Um exemplo utilizado pela autora é a elaboração de álbuns educativos produzidos por adolescentes, com a intenção de ampliarem o conhecimento e atuarem de forma preventiva contra essa situação de vulnerabilidade. Essas organizações afirmam a importância de uma construção de protagonismo juvenil, sendo uma ferramenta de transformação importante em áreas marginalizadas, já que extrapola os espaços individuais, criando um movimento coletivo que atua na própria comunidade.

De forma paralela é trabalhado por Kreher e Guareschi (2017), como a sexualidade juvenil nas periferias é objeto de tensão por discursos normativos, principalmente propagados através de igrejas neopentecostais. É destacado como essas instituições funcionam como reguladores do corpo e dos desejos, por exemplo através de campanhas como “Eu escolhi Esperar”, que reforçam ideias heteronormativas vinculadas a uma ideia de família tradicional.

Essa moral propagada está associada normalmente a lógicas neoliberais que pressionam jovens a adotarem projetos de vida alinhados à heterossexualidade e obediência religiosa. Por esse ponto Kreher e Guareschi (2017), também afirmam que existem fissuras nesse controle através da potência juvenil, que busca a expressão fora desses meios e desses

moldes. Surgem então discursos e estratégias na recusa à institucionalidade religiosa, buscando novas formas de expressão e novas formas de se relacionar.

Esses dois eixos que surgem nos dados revisados: a vulnerabilidade sexual e o controle normativo da sexualidade na vida do jovem revelam como gênero e sexualidade são campos interseccionais em disputa nas periferias. De um lado existem carências de políticas públicas para jovens mulheres expostas a vulnerabilidades que podem de alguma maneira evitáveis. De outro, vemos como instituições religiosas ocupam espaços que podem reduzir uma autonomia juvenil.

A periferia, enquanto território marcado por desigualdades, produz vulnerabilidades específicas para jovens mulheres e LGBTQIA+, mas também é um local de reinvenções, potencialidade e lutas por autonomia. A partir da falta de informação e da moralidade religiosa que operam como mecanismos de opressão, são criadas respostas criativas baseadas no protagonismo juvenil e na busca de outras formas de compreender gênero e sexualidade.

6. 4 Temática 4 - Projetos, intervenção e educação

Entendendo a existência de uma violência estrutural, as resistências culturais representam uma oposição a essa experiência juvenil periférica, os projetos educativos e intervenções sociais emergem como eixos que objetivam romper a marginalização. Este terceiro eixo analítico focaliza em iniciativas que buscam transformar realidades, entendendo como estão os trabalhos psicológicos, do esporte, da saúde mental e da educação nas áreas periféricas, e por conseguinte a resposta dos jovens a essas aplicações.

A análises desses estudos revelam que escolas, projetos educativos e de intervenção social são aplicados em campos de tensão, devido a reprodução de desigualdades e a criação de alternativas transformadoras em relação a essa realidade marginalizada ou muitas vezes precarizada. Pereira (2015) aponta como os modelos educacionais tradicionais tendem a negar a voz dos estudantes, a partir de uma ideia de reprodução e limitação da criatividade. Existe segundo o autor uma “pedagogia da cópia”, que reduz a experiência escolar a reprodução. No entanto o mesmo aponta que não se trata de um método que recebido com passividade pelos estudantes, a partir disso surgem estratégias de resistência através da pixação ou de ferramentas tecnológicas que possibilitam a expressão desses jovens

Essa idéia de tensão entre a imposição e a reinvenção também marca os programas governamentais analisados por Oliveira (2023). O autor elabora que mesmo programas buscando prevenir a violência através de atividades socioeducativas, elas frequentemente esbarram em limitações estruturais. A necessidade de conteúdos superficiais (pela falta de tempo), a abrangência dos temas que não conseguem a mobilização de cada um dos participantes, a distância entre objetivos dos jovens e práticas efetivas oferecidas configuram o que a autora denomina "pedagogia da precariedade". Dessa maneira esses programas são recebidos com certo distanciamento e com críticas feitas pelos jovens que participam do projeto ao problematizar o próprio lugar de marginalização reproduzido dentro desses programas.

Por esse mesmo lado, Pinto e Oliveira (2016) trazem críticas contundentes ao papel das ONGs esportivas. Em sua análise, muitas dessas organizações reforçam estereótipos sobre jovens periféricos, priorizam sua própria imagem em detrimento dos reais beneficiários e contribuem para a privatização de políticas que deveriam ser públicas. Seus discursos frequentemente reproduzem visões que associam pobreza à desestruturação familiar, sem questionar as raízes estruturais das desigualdades. Dessa maneira, essas ONGs analisadas pelo autor nada contribuem com o debate político e agenda política brasileira que deveria ser voltada a construção de políticas públicas, práticas e discursos que verdadeiramente se opunham à marginalização, dando a real oportunidade de cidadania desses jovens. Esses discursos individualizantes inviabilizam o debate de construção de novas maneiras de viver, agir, pensar e sentir.

Complementando essa discussão, Bittar (2015) faz uma análise do que seriam trajetórias escolares bem sucedidas observando as seguintes esferas na qual os jovens periféricos estão inseridos: a família, a escola, a vizinhança, o trabalho, os programas sociais, a igreja. É revelado que a continuidade do sucesso escolar está intimamente ligado ao apoio recebido nessas esferas, existindo uma grande influência positiva quando apoiados ao mínimo em uma das três esferas: família, escola ou trabalho. Por outro lado é salientado como as relações escolares negativas ou conflituosas são fatores determinantes para descontinuidades e abandono das trajetórias juvenis; Um dos principais desafios identificados reside na dificuldade das instituições escolares em lidar com as múltiplas realidades que os jovens trazem consigo, por exemplo entram em conflito com linguagens e modos de vidas adquiridos em outros locais de sociabilidade Os programas sociais destinados a jovens apresentam resultados variados em sua capacidade de influenciar positivamente a

escolarização, seu impacto depende, portanto, de como se articulam com as outras esferas de sociabilidade

Outras alternativas surgem a partir de projetos que tentam dar voz a esses jovens marginalizados e periféricos. Guerra et al. (2018) apontam mais avanços com a integração desses jovens através de três frentes: atendimento psicanalítico, conversações em instituições socioeducativas e oficinas de quadrinhos comunitários. A iniciativa cria espaços de escuta e expressão que valorizam os saberes juvenis. O "Quadrinho do Morro", em particular, emerge como dispositivo potente: ao recolher narrativas sobre violência, tráfico e ausência do Estado, e transformá-las em histórias baseadas nas próprias realidades territoriais. A partir da elaboração de quadrinhos os jovens constroem novas formas de autoria e ressignificam suas experiências.

Essas experiências dialogam com as análises de Pinheiro (2020) sobre a incorporação de práticas culturais periféricas (como hip hop e capoeira) nos currículos mostra-se capaz de ressignificar a relação dos jovens com a escola, estabelecendo contextualidade, expressão e participação desses jovens no meio educativo. No entanto, o autor alerta para as contradições desse processo: osicineiros frequentemente recebem salários inferiores aos professores com formação superior, e seus saberes são constantemente hierarquizados, revelando uma resistência institucional da inclusão de culturas marginalizadas em instituições tradicionais.

Em conclusão fica claro que esses campos são marcados por tensões . De um lado, projetos que reproduzem lógicas de precarização e controle, de outro, iniciativas que abrem espaços para a reinvenção educativa. O que distinguem as experiências que apontam os caminhos que políticas públicas seguem e que poderiam seguir.

7. CONSIDERAÇÃO FINAIS

A revisão integrativa de literatura revelou cenários complexos e desafiadores sobre as experiências juvenis na periferia brasileira, sobre a construção de suas identidades e sobre as implicações na formação subjetiva dos mesmos. Embora esta revisão integrativa tenha sistematizado contribuições importantes, é fundamental reconhecer suas limitações. Do ponto de vista geográfico, a predominância de estudos sobre grandes centros urbanos podem ter negligenciado particularidades de periferias em cidades médias ou interiores, o que obviamente também não responde sobre a realidade da periferia em todos os Estados em âmbito nacional. Ao mesmo tempo, como limitação do estudo, não foram abordadas todas as interseccionalidades possíveis, notou-se escassez de pesquisas focadas em juventudes indígenas, quilombolas ou pessoas com deficiência nesses territórios por exemplo. Além disso, há um viés temporal que é relevante, já que a maioria das publicações analisadas é anterior a 2020 dentro do recorte entre 2014 e 2024. Nesse sentido, há uma escassez de uma análise mais recente ao mesmo tempo em que não foi investigado o impacto periférico em outras gerações juvenis. Ainda é importante destacar que os descritores utilizados na revisão integrativa de literatura podem não ter abrangido todos os artigos sobre o tema em questão.

Posto isto, os estudos analisados mostram como esses jovens enfrentam diariamente uma combinação de violência estrutural, racismo institucionalizado e ausência de políticas públicas eficazes a partir da marginalização. A realidade das periferias urbanas apresenta vulnerabilidades referentes à própria interseccionalidade dos sujeitos que a compõem. Dessa maneira, existem altos índices de violência letal contra jovens negros, especialmente homens, enquanto as jovens mulheres lidam com a precariedade no acesso à saúde sexual e reprodutiva, enquanto a juventude LGBTQIA+ sofre repressões em relação a sexualidade por discursos de grande influencia nas periferias .

No entanto, o que mais chama atenção na análise é a impressionante capacidade de resistência e reinvenção que esses jovens demonstram. Através da cultura, da arte e da mobilização comunitária, eles transformam os espaços de exclusão em territórios de criação e pertencimento. O hip-hop, os saraus literários, o grafite e outras expressões artísticas surgem não apenas como formas de denúncia, mas principalmente como ferramentas poderosas que rompem com a passividade, possibilitando uma construção identitária e transformação social.

Por outro lado, os programas e políticas voltados para essa população frequentemente esbarram em limitações estruturais. Muitas intervenções educativas e sociais falham por não

conseguirem estabelecer conexão real com as necessidades e linguagens dos jovens, reproduzindo abordagens que mais segregam do que integram, gerando resistência e novas significações como resposta desses jovens . Fica evidente a necessidade de se repensar essas iniciativas, tornando-as mais flexíveis, sensíveis às realidades locais ao colocar a juventude periférica como a protagonista da resistência à sua marginalização.

A partir disso é ressaltado que a análise em específico aponta para três eixos fundamentais de ação: primeiro, a urgência em combater a violência institucional e garantir proteção social básica; segundo, a importância de valorizar e potencializar as iniciativas culturais já existentes nas periferias; e terceiro, a necessidade de políticas públicas que considerem as múltiplas dimensões da vida juvenil.

O principal aprendizado desta revisão é que qualquer intervenção junto às juventudes periféricas deve partir do reconhecimento de sua potência criativa e capacidade de transformação. Mais do que políticas para jovens, precisamos criar condições para que suas próprias iniciativas e formas de organização possam florescer e se expandir. A superação dos desafios não virá da imposição de modelos externos, mas do diálogo respeitoso e da valorização das soluções que os próprios jovens vêm construindo em seus territórios.

8. REFERÊNCIAS

Aberastury, A., & Knobel. M. (1980). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ABRAMO, Helena W. (1994): *Cenas juvenis*. São Paulo: Scritta.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, G. M.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S.; MARTINELLI, C. C. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO/BID, 2002.

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-622211>. Acesso em 25 mai. 2025

ADERALDO, Guilherme; RAPOSO, Otávio. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. *Horizontes antropológicos*, v. 22, p. 279-305, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/3p9TLysCJY8gmxjQDGKVVtB/?format=html&lang=pt>. Acesso em 12 jun. 2025

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 2013, p. 151-172. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/6JdrNwGyHH3ShVGDJxxPVft/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 jun. 2025

ANHAS, Danilo de Miranda. Internet, subjetividad y juventud: fortalecimiento de vínculos en la periferia cubatense. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 73, n. 1, p. 5-18, 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v73n1/02.pdf>. Acesso em 01 jun. 2025

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. *Educ. Pesqui.* [online], v. 27, n. 1, p. 141-160, 2001. ISSN 1517-9702. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/BSzF5kNjfrQTLGfdRg8tvLK/?lang=pt>. Acesso em 12 jun. 2025

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARÃO, M. et al. Vozes das Juventudes. **Atlas das Juventudes** e TALK, Abril, 2021

BARROS, João Paulo Pereira; ACIOLY, Lilith Feitosa; RIBEIRO, Júlia Alves Dias. Re-tratos da juventude na cidade de Fortaleza: direitos humanos e intervenções

micropolíticas. *Revista de Psicologia*, v. 7, n. 1, p. 115-128, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21210>. Acesso em 11 jun. 2025.

BERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

BERTAGNONI, Larissa; GALHEIGO, Sandra Maria. Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, p. e2803, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/jm7NQgO7GTX6Gpd3KG6xfyk/>. Acesso em 12 jun. 2025.

BITTAR, Mariana. Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, n. 89, p. 47-61, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hw8jGNFCQFNCxTXJgyVPmMm/abstract/?lang=pt> acesso em: 12 jun. 2025.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes; BARROSO, Ibrahim Serra. Redes da cena hip-hop de Maceió: juventude, cidade e afetos em movimento. *Educação e Pesquisa*, v. 50, p. e274879, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/TRyWJC3k7nZYHWk7DwJt6hb/?lang=pt>. Acesso em 3 jun. 2025

BOLLNOW, O. F. O homem e o espaço. Curitiba: Editora UFPR, 2008

BOURDIEU, Pierre (2000): Cuestiones de sociología. Madrid: Istmo.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Ministério da Saúde, Saúde do Adolescente e Jovens. Acesso em 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente>

CIASCA, K. N. M. Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais, 2018. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/memoria-identidade-e-territorio-mapas-afetivos-como-indicadores-de-habitos-culturais>. Acesso em: 24 mai. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, 1989

CUNHA, Vivane Martins; MOREIRA, Lisandra Espíndula. A subtração da vida como política de morte: vozes de mães de jovens negros assassinados. *Psicologia: Ciência E Profissão*, v. 43, p. e246660, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/GtcjwTwHSc5jYrWgc49KkcS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 17 jun. 2025

Das Neves, L, B. Das Neves, J, S. A Marginalidade Enquanto Identidade: A Literatura de Periferia e o Empoderamento Cultural de Seus Sujeitos. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 213–228, 2016. DOI: 10.23899/relacult.v2i1.151. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/151>. Acesso em: 11 jun. 2025.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo et al. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2013.

DE JESUS, Likem Edson Silva. Periferia, um termo crítico: distanciamentos espaciais, sociais e simbólicos nas cidades. Revista movimentos sociais e dinâmicas espaciais, v. 10, n. 1, p. 58-78, 2021.

DEMATTEIS, G.; GOVERNA, F. **Territorio e territorialità nello sviluppo locale. Il contributo del modello SloT**. Torino: Dipartimento Interateneo Territorio/Università Torino, 2004. (mimeo).

DO PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. Favela, periferia e subúrbio, territórios da diferença. 2017. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522191585.pdf. Acesso em 18 mai. 2025.

DOMINGUES, Á. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? *Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série*, 10/11, p. 5-18, 1994. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>. Acesso em 10 jun. 2025.

DOS SANTOS, Shyrlei Rosendo. Os projetos de vida dos jovens da maior favela carioca, a maré. *Revista de Psicologia*, v. 9, n. 1, p. 81-96, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32859>. Acesso em 09 jun. 2025.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERREIRA NETO, J. L. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. *Revista do Departamento de Psicologia*, v. 16, n. 1, p. 11-120, 2004. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35407896/processos_de_subjetivacao-libre.pdf?1415089386=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DProcessos_de_subjetivacao_e_novos_arranj.pdf&Expires=1751489491&Signature=N9Sd72PifoBmRa9mB4qRYH2j9fgdo-6MAamk9FDyvxATVTia1IOqHGZKJW~ftzk3i30f3-F06ATYATGmewETuQ-QxxRyfPG0uGpDR7DMZxsO3apx-XpOPRfC-t5o-N0NJUEC1p~Q6SW7NdU-aD4u~s8qShNZH-oMOAAw8cUeTZdofiJRDCKsUUZ5Uq1BIz5GvOWV1N3tXlInspRimAuDh32BJJ1br-6oswtybh2k4EEUTIW6aREN5wieObEq20sjlxR-u-7Wv-3CZ09Y34vL-aXEtXzrsDOWpdFd2-FmCTsdbbhReEaRzgixm9oXZBCr7OBzzY383eUeT7CNBibC4ZQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGLRBRV4ZA. Acesso em: 10 mai. 2025.

FRANCO, Renato Ferreira; VAN STRALEN, Cornelis Johannes. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)* [online], v. 18, n. 3, p. 402-419, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300005&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1677-1168. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n3p402>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FRANCO, Renato Ferreira; VAN STRALEN, Cornelis Johannes. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 402-419, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 10 jul. 2025. <https://doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9563.2012v18n3p402>.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012. Disponível em: <https://projetoriodoce.fgv.br/node/18656>. Acesso em: 10 mai. 2025

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima et al. Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, p. 45-53, 2003.

GUERRA, Andréa Máris Campos; DA COSTA ARANHA, Mariana; VIDIGAL, Mariana Furtado. Já é quadrinho do Morro: Juventudes e complexidades periféricas. *Revista de Psicologia*, v. 9, n. 1, p. 42-52, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32855>. Acesso em 10 jun. 2025.

GUIMARAES, Eloisa. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. *Rev. Bras. Educ. [online]*, n. 05-06, p. 199-208, 1997. ISSN 1413-2478. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24781997000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 mai. 2025

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: resultados preliminares. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. acesso em: 14 jam. 2025.

JATAHY, L. A. A criança e o adolescente na sociedade contemporânea. *Revista Eletrônica Direito e Política*, v. 6, n. 3, p. 1400-1414, 2014. DOI: 10.14210/rdp.v6n3.p1400a1414. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rdp/article/view/5715>. Acesso em: 4 jun. 2025.

KOWARICK, Lúcio. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Ed. 34, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/pGpBRc7k74kf8c6MSCJ9vfH/>. Acesso em 15 mai. 2025.

KREHER, Rodrigo; DE FÁTIMA GUARESCHI, Neuza Maria. Ou caminha com Deus ou dança com o Diabo: igrejas neopentecostais e o dispositivo da sexualidade. *DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, n. 17, p. 23-34, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2318-92822017000400003&script=sci_abstract. Aceisso em 10 jun. 2025.

LANNA, Paloma de Almeida Albergaria; SILVA, Matheus Henrique; DE CALAIS, Lara Brum. “Foguete ou tiro?”: a produção de subjetividade de juventudes a partir do território. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 16, n. 1, p. 1-17, 2021. Disponível em: https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/4267. Acesso 10 jun. 2025.

LIMA, Gisele Maria de Brito. **Interseccionalidade de raça/cor, gênero e classe social em espaços de sociabilidade juvenil e relações afetivas de meninas negras de um bairro**

popular em Salvador-BA. 2023. 95 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, 2023. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/0f7c3cf0-337f-4574-b7ca-f74d2d3d807f>. Acesso em 4 jun. 2025.

Lírio, L, C. A construção histórica da adolescência., 2012. Disponível em: <https://repository.globethics.net/handle/20.500.12424/234885?show=full&locale-attribute=es>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MAIA, J. L. de A.; CHAO, A. R. de la T. Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da cidade. *Conexão - Comunicação e Cultura*, v. 15, n. 29, 2016. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3517>. Acesso em 25 mai. 2025

MARICATO, E. Metrôpole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Disponível em: http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/maricato_metrperif.pdf. Acesso em 17 mai. 2025.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, p. 555-568, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/YQ8v3FqPDqPykCXRm4XTR8N/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDEIROS, Thaís Juliana; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Entre a violência e a cidadania: um olhar sobre a mortalidade juvenil. *O mundo da saúde*, v. 39, n. 1, p. 62-73, 2015. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/download/344/291/580>. Acesso em 10 mai. 2025.

MENDES, R.; DONATO, A. F. Território: espaço social de construção de identidades e de políticas. *SANARE - Revista De Políticas Públicas*, v. 4, n. 1. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/114>. Acesso em 2 jun. 2025

NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 1, p. 69-86, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/c77vfWrZC7kvVqGzKz55gtK/abstract/?lang=pt>. Acesso em 17 mai. 2025.

OLIVEIRA, Daniela Cristina Neves de. 'Pedagogia da precariedade': As experiências de jovens em um projeto de prevenção da violência na periferia da Região Metropolitana da Grande Vitória. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 16, n. 02, p. e52553, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dilemas/a/ZyGZctTscZptGn56b39RdJh/>. Acesso: 12 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Folha informativa - Saúde do Adolescente. Organização Mundial da Saúde, 2025. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1

PAIVA, Rosa Lucia Soares et al. Violência, delinquência e tendência antissocial. Sobre a experiência de um atendimento a crianças vítimas da violência em uma favela do Rio de Janeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 3, p. 891-915, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300007. Acesso em 12 jun. 2025.

PALADINO, Erane. **Configurações do adolescente na sociedade contemporânea**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Acesso em: 04 jun. 2025. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001388312>. Acesso em 10 mai. 2025.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Escritas dissonantes. escolarização, letramentos, novas tecnologias e práticas culturais juvenis. *Horizontes antropológicos*, n. 44, p. 81-107, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/pgLyYgFw5HMfGTXQFB4kz6m/abstract/?lang=pt>. Acesso em 12 jun. 2025

PEREIRA, Sandra; ENI F. N. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar**. Aconchego-DF, 2013. (Mimeo.) Disponível em: <http://www.aconchegodf.org.br/biblioteca/artigos/artigo01.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2025

PINHEIRO, Leandro R. Educação e agenciamentos em periferias urbanas: a produção de alternativas laborais entre jovens. *Educação em Revista*, v. 36, p. e205923, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/4dTTP5TnBB4qpLyCFtMMLkg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PINTO, Rubia-Mar Nunes; OLIVEIRA, Cristina Borges de. Esporte, infância e juventude despossuída: uma análise das ONG's como acontecimento discursivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 39, n. 1, p. 39-48, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/9hYsfy6kY55RvFBnPgMZRCp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Rede Nossa São Paulo. (2021). Mapa da Desigualdade 2021. São Paulo: Rede Nossa São Paulo

ROSENTHAL, Lisa; LOBEL, Marci. Stereotypes of Black American women related to sexuality and motherhood. *Psychology of women quarterly*, v. 40, n. 3, p. 414-427, 2016.

RUOTTI, Caren et al. A vulnerabilidade dos jovens à morte violenta: um estudo de caso no contexto dos “Crimes de Maio”. *Saúde e Sociedade*, v. 23, p. 733-748, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2014.v23n3/733-748/pt>. Acesso em 10 jun. 2025.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **O espaço dividido, os dois circuitos da economia urbana nos países desenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Tatiane Pereira dos. Juventude (s) da periferia: vulnerabilidade e o tráfico de drogas. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social–ENPESS. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória–ES, v. 2, 2018.

SAQUET, A. M. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/36.pdf>. Acesso em 5 mai. 2025.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, p. 227-234, 2010.

SHDAIOR, Laura Sahm. Fardados ao fracasso. *Jornal de Psicanálise*, v. 56, n. 105, p. 73-88, 2023. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352023000200073&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2025

SILVA, Antônio Carlos da. **Juventude, educação e periferia: os sentidos da escola**. 2011. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/18285>. Acesso em 12 jun. 2025

SILVEIRA, Nara Sibério Pinho. Intervenção social por adolescentes na adesão de mulheres ao exame colpocitológico. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/30337>. Acesso em 12 jun. 2025.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *einstein* (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 dez. 2024

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re) existência juvenil em territórios culturais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 256-262, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/zdCRzXcBsFhkQvkDrbLTp3s/>. Acesso em 4 jun. 2025

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Periferias (in) visíveis: o território-vivo da Brasilândia na perspectiva de jovens moradores. *Distúrbios da Comunicação*, v. 29, n. 1, p. 144-157, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/29591>. Acesso em: 4 jun. 2025.

UNICEF. **Plataforma dos Centros Urbanos 2017-2020**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/plataforma-dos-centros-urbanos/monitoramento>. Acesso em: 5 mai. 2025.

Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

Warpechowski, M. B.; De Conti, L. Adolescer em contextos de vulnerabilidade e exclusão social. *Estilos Da Clínica*, v. 23, n. 2, p. 322-343, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282018000200008.

Acesso em: 25 mai.